



Crise ambiental, educação ambiental e saúde: desafios no processo formativo em enfermagem

Renata Tomazelli Ferreira¹
Aumeri Carlos Bampi²

Resumo: O estudo buscou conhecer como a Educação Ambiental (EA) é tratada na formação de estudantes de enfermagem de uma universidade no interior do estado de Mato Grosso. Objetivou conhecer a visão dos docentes e discentes sobre a inter-relação saúde e ambiente, a percepção da EA e modo como a EA é inserida e abordada no processo formativo. O estudo é qualitativo, exploratório e descritivo. Teve como método a pesquisa documental e a entrevista compreensiva. Foi evidenciado que os professores possuem concepção ampla sobre meio ambiente e sua inter-relação com a saúde; no entanto persistem na docência fragilidades no conceito de EA. Os resultados apontam que EA não é inserida adequadamente na formação dos estudantes de enfermagem pela falta de conhecimento e despreparo docente no tocante a temática, ausência de interdisciplinaridade e inexistência de política de EA institucionalizada.

Palavras Chave: Educação Ambiental, processo formativo, enfermagem.

Environmental crisis, environmental education and health: challenges in the nursing training process

Abstract: The study sought to know how Environmental Education (EA) is treated in the training of nursing students of a university in the interior of the state of Mato Grosso. It aimed to know the view of teachers and students about the interrelationship between health and environment, the perception of EA and how EA is inserted and addressed in the training process. The study is qualitative, exploratory and descriptive. It had as a method the documentary research and the comprehensive interview. It was evidenced that teachers have broad conception about the environment and its interrelationship with health; however weaknesses in the concept of EA persist in teaching. The results point out that EA is not adequately inserted in the training of nursing

¹ Enfermeira. Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: renatatomferreira@gmail.com

² Doutor em Filosofia e Ciências da Educação pela USC, Espanha. Possui pós-doutorado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da Faculdade de Educação e Linguagem da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: profaumericarlosbampi@gmail.com

students due to the lack of teacher knowledge and unpreparedness regarding the subject, lack of interdisciplinarity and lack of institutionalized EA policy.

Keywords: Environmental Education, formative process, nursing.

Crisis ambiental, educación ambiental y salud: desafíos en el proceso formativo en enfermería

Resumen: El estudio buscó conocer cómo la Educación Ambiental (EA) es tratada en la formación de estudiantes de enfermería de una universidad en el interior del estado de Mato Grosso. Objetivó conocer la visión de los docentes y discentes sobre la interrelación salud y ambiente, la percepción de la EA y cómo la EA es inserta y abordada en el proceso formativo. El estudio es cualitativo, exploratorio y descriptivo. Tuvo como método la investigación documental y la entrevista comprensiva. Se evidenció que los profesores poseen una concepción amplia sobre el medio ambiente y su interrelación con la salud; sin embargo persisten en la docencia fragilidades en el concepto de EA. Los resultados apuntan que EA no se inserta adecuadamente en la formación de los estudiantes de enfermería por la falta de conocimiento y despreparo docente en lo tocante a la temática, ausencia de interdisciplinarity e inexistencia de política de EA institucionalizada.

Palabras-clave: Educación Ambiental, proceso formativo, enfermería

INTRODUÇÃO

As profundas perturbações ambientais, advindas das intensas transformações produzidas pelos humanos em seus modos de ser e estar no mundo moderno e contemporâneo produziram consequências que tem sido foco de intenso debate na atualidade.

A sociedade urbano-industrial e o modo de organizar a economia e a produção intensificaram e ampliaram os desastres ecológicos, tornando mais frágil o delicado equilíbrio entre o vigor dos sistemas de suporte à vida e a saúde dos seres humanos (FREITAS, 2011). Isso se torna ainda mais relevante a partir da constatação de que os problemas ambientais são problemas de saúde, pois afetam os seres humanos e as sociedades em suas múltiplas dimensões. (FREITAS, 2003).

A crise ambiental ganha repercussão com os efeitos advindo do processo de industrialização a partir da Revolução Industrial, ocorrida no século XVIII. Já na década de 1950 e 1960, graves acontecimentos indicaram os primeiros sinais do surgimento da grave crise ambiental mundial. (MEDINA, 2007).

Debates em torno das questões ambientais, (Conferência de Estocolmo em 1972; Conferência de Tbilisi em 1977; Conferência Rio-92 e criação da Agenda 21), entre outros ocorridos nos últimos 40 anos foram marcados por encontros, conferências, seminários, tratados e convenções voltadas para a temática. Contudo, apenas recentemente tem-se verificado uma atenção especial para a atual crise ecológica, tendo em vista as ameaças

dela advindas, que comprometem a capacidade de manutenção da vida no planeta, indicando, assim, a necessidade de ações educacionais que contribuam para a construção de sociedades sustentáveis. (FREITAS, 2005).

No Brasil para a superação deste cenário, a Educação Ambiental (EA) passou a ser lei desde 27 de abril de 1999, Lei 9.795, e deve ser trabalhada em todos os níveis de ensino e áreas do conhecimento, como tema transversal para que se possa sensibilizar a sociedade da necessidade da sua atuação responsável e consciente e, portanto, a sua mudança de comportamento e de pensamento frente à questão ambiental.

Em 2012, para reforçar essa proposta foram criadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Ambiental, configurando-se como um

“Campo político de valores e práticas, com intuito de mobilizar atores sociais comprometidos com a prática político pedagógica transformadora e emancipatória capaz de promover à ética e cidadania ambiental”. (BRASIL, 2012, p.2).

O atual modelo de desenvolvimento econômico sem a devida preocupação com meio ambiente tem provocado prejuízos a qualidade socioambiental, afetando diretamente a saúde da população, A partir dessa inter-relação entre saúde e ambiente e a urgência por ações voltadas para a proteção e recuperação do meio ambiente é que se tem defendido a necessidade de atuação, cada vez maior, dos profissionais da área da saúde, em benefício da sustentabilidade do planeta.(DA SILVA, 2008; MOTA, 2005).

Destaca-se a enfermagem, dentre as profissões da saúde, por esta se ocupar do bem-estar do indivíduo, de sua família e da comunidade, devendo, então, atentar para o ambiente como um fator relacionado à saúde humana (BESERRA et al., 2010).

A problemática ambiental clama pela reflexão sobre a contribuição do ensino e da pesquisa, que devem ser contextualizados, e não apenas advertir ou dar alarme sobre a crise, mas também conceber soluções para um futuro sustentável. (SARTORI E MONTEIRO, 2011).

Nessa vertente, de reconstrução da forma de perceber, sentir, olhar e ser, a EA surge como processo estratégico, sensibilizador para uma nova ética, que orienta os valores e comportamentos sociais no caminho da sustentabilidade (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2012).

Para isso, a intervenção da área da saúde, nos problemas ambientais, deve ser realizada com base em conhecimentos complexos de ambiente, utilizando-se dos diferentes vínculos das questões ambientais com a área a ser trabalhada. Uma educação pautada no

pensamento complexo é a que pode auxiliar a humanidade a sair do estado de desarticulação e fragmentação do saber contemporâneo, cujas abordagens simplificadoras, fragilizam o conhecimento e os modos de vida em sociedade. (MORIN, 2002).

No processo formativo do estudante de enfermagem é substancial intensificar debates sobre a inter-relação de saúde e meio ambiente, uma vez que dentre as ações por eles executadas, estão as de Promoção e Reabilitação da Saúde; campos que lhes abrem ricas possibilidades para assumirem-se “atores sociais ativos” na produção de uma educação ambiental preocupada com o despertar de sujeitos ecológicos. (CAMPONOGARA et al., 2011).

Entretanto, alguns estudos evidenciam que a EA não tem encontrado consenso quanto a sua abordagem e seus fundamentos básicos nos diferentes níveis educacionais, evidenciando-se como lacuna, especialmente, na formação profissional do ensino superior, mostrando-se, quando presente, pautada em concepções reducionistas. Com base nisso, depreende-se que a atenção destinada à EA, na formação em nível superior, parece estar fragilizada em muitas áreas, dentre elas, a da enfermagem. (MANEIA; CUZZUOL; KROHLING, 2013) (SCHULZ ET AL, 2012).

Vale ressaltar que segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, publicada em 2012, seguindo orientações da Constituição Federal de 1988, a qual instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental, esta deve ser componente essencial e permanente na educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, nos níveis e modalidades da Educação Básica e Educação Superior. Estas instituições de ensino devem promover a EA integralmente nos seus projetos institucionais e pedagógicos; com o objetivo imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em relação com a natureza e com outros seres humanos, potencializando essa atividade humana a fim de torná-la plena de prática social e ética ambiental. (BRASIL, 2012).

Essa questão reveste-se de maior importância na medida em que se compreende que a formação profissional tem extrema relevância na constituição de valores nos futuros profissionais, incluindo-se aí, os que se relacionam a sustentabilidade socioambiental. Sem dúvida, o grande desafio da atualidade reside em educar em e para a era planetária, o que envolve criticar a simplificação e a fragmentação, e reconhecer que, num cenário de incertezas, questões complexas pressupõem uma abordagem ampliada, que envolvam aspectos, naturais, sociais, éticos, políticos, dentre outros (MORIN, 2002).

Com base em outras pesquisas realizadas na área, os resultados demonstraram a incipiência da abordagem ambiental na formação em Enfermagem (VARGAS e

OLIVEIRA, 2007; SCHULZ, 2012; MANÉIA, CUZZUOL e KROHLING, 2013; CAMPONOGARA et al., 2013; CAMPONOGARA et al., 2011; CAMPONOGARA et al., 2012; PERES et al., 2015; SOARES, 2012;); e sabendo que o problema ambiental tem impacto significativo na saúde humana, e ainda, pela emergência em se preparar profissionais capazes de compreender de forma integrada o meio ambiente e suas múltiplas e complexas relações foi que potencializou o interesse em conhecer a visão dos professores e estudantes de um curso de bacharelado em enfermagem de uma universidade pública situada no interior de Mato Grosso sobre a inter-relação saúde e ambiente; suas percepções sobre a Educação Ambiental, bem como a EA é inserida e abordada na formação dos estudantes (teóricos, concepções e tendências seguidas).

METODOLOGIA

O estudo buscou investigar a inserção e o desenvolvimento da EA no processo de formação do estudante de enfermagem em um curso de bacharelado de uma universidade do interior do Estado de Mato Grosso. Caracterizou-se como exploratório, descritivo, de abordagem qualitativa, tendo como método a Entrevista Compreensiva, proposta por Kaufmann, (2013).

O estudo de caráter exploratório, segundo Gil (2008), proporciona maior familiaridade com o problema, e envolve levantamento bibliográfico durante todo o percurso, e caráter descritivo, pois possibilita descrever características de determinadas populações ou fenômenos.

Segundo Minayo (2001) a pesquisa qualitativa é capaz de responder a questões muito particulares, pois se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode se quantificar, ou seja, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Kaufmann (2013) defende que a Entrevista Compreensiva (EC), não se trata apenas de uma técnica, mas sim, de um método de trabalho diferenciado e com propósitos claros e bem definidos, o qual visa à produção teórica a partir de dados. Na EC, a força da originalidade dos dados qualitativos que são recolhidos “in situ” estão concentradas na palavra que é recolhida no gravador, e se tornará o elemento central do dispositivo. Na Sociologia Compreensiva, a compreensão é um método para a pura apreensão do conhecimento social, que é incorporado

pelos indivíduos, e que para descobri-lo é necessário dose ideal de curiosidade e empatia. (KAUFMANN, 2013).

O trabalho do pesquisador não se limita a esta fase. Este deve se concentrar na capacidade de interpretar e explicar a partir dos dados recolhidos. “A compreensão da pessoa é apenas um instrumento, o objetivo do pesquisador é a explicação compreensiva do social” (KAUFMANN, 2013, p.36).

Os sujeitos da pesquisa foram eleitos da seguinte forma: primeiramente decidimos quais os semestres e as disciplinas. Fizemos contato inicial com 4(quatro) turmas sendo respectivamente uma de cada semestre(1º, 5º, 9º e 10º). Selecionamos as disciplinas segundo o critério de ter nas suas respectivas ementas e conteúdos programáticos a abordagem do processo de saúde e doença e seus determinantes, ou mesmo que tinham alguma aproximação com políticas públicas de saúde e ambientais. Como forma de resguardar os princípios éticos, na apresentação dos resultados não são mencionadas as disciplinas pesquisadas.

Os dados foram coletados em duas etapas: a “Primeira etapa ou Etapa preparatória” ocorreu em maio de 2017, e teve como objetivo a aproximação e familiarização com o campo empírico. Nesta primeira etapa construímos um questionário inicial, o qual aplicamos em sala de aula ao professor titular da disciplina e a todos os alunos em sala de aula, e estes puderam levá-lo para casa e devolver respondido em encontro posterior. Para os alunos o questionário contou com 14 questões e para os professores com 10 questões. Estes abordaram questões voltadas a Saúde e Ambiente, Educação Ambiental e modo de inserção e abordaram da mesma no cotidiano acadêmico.

Para procedermos à segunda etapa, a “Entrevista Compreensiva (EC)” fizemos a seleção dos participantes por meio da leitura minuciosa dos questionários da etapa preparatória. Selecionamos os participantes que se expressaram melhor ao responderem os questionários, que se envolveram de modo mais profundo com o assunto, pois isso nos pareceu demonstrar maior entusiasmo e apreciação qualitativa no tratamento do tema. Buscamos pessoas que demonstraram ser capazes de qualificar o debate nos termos propostos pela pesquisa, de forma a construir elementos para a entrevista compreensiva. Desta forma, foram selecionados para a entrevista o professor titular da disciplina e dois alunos de cada semestre, conforme explicado anteriormente. Sendo assim, foram entrevistados 4 docentes e 8 estudantes.

Na segunda etapa, construímos o Roteiro Guia para conduzir as entrevistas com a ajuda do questionário aplicado na primeira etapa, após procedermos às adequações

necessárias. Esta etapa ocorreu de julho a agosto de 2017. As entrevistas foram marcadas por meio de contato prévio, via telefone com os participantes, onde estes puderam escolher a data, horário e local que lhes fosse mais confortável. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas para procedimento de análise dos dados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Análise da percepção dos professores sobre a inter-relação saúde e ambiente

Foram selecionados para a entrevista 4 professores (3 mulheres e 1 homem) e 8 discentes, sendo (7 mulheres, 1 homem).

Tratando da questão de gênero na área da Enfermagem, desde o fim do século XIX, na Inglaterra da Era Vitoriana, influenciados pela precursora da Enfermagem moderna, Florence Nightingale, que o processo de feminização da categoria se intensificou, instituindo-se a divisão sexual das práticas da saúde. Esse aspecto se firmou principalmente pelas ideias de vocação das mulheres para o cuidar (COLPO, CAMARGO, MATOS, 2006).

Todavia em estudo recente realizado pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), por iniciativa do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), verificou-se dentre outros aspectos, mesmo que a equipe de enfermagem constitui-se predominantemente pelo sexo feminino, sendo composta por 84,6% de mulheres e 15 % de homens. Entretanto, nos últimos anos vem ocorrendo um processo de masculinização da categoria. Todavia essa é uma situação recente, datada da década de 1990, e vem se firmando. (FIOCRUZ, 2015).

Entre os professores, o tempo de serviço na docência variou entre 1 ano a 20 anos, sendo a média de 9,7 anos.

Desde o princípio das entrevistas, sendo muito bem recebida pelos professores e alunos, foi perceptível em alguns a ansiedade e muitas vezes certo desconforto ao tratar de um assunto que alguns deles disseram: -“isso não é a minha praia, mas vamos lá!”, explicitando o tema como algo incomum para a área. Porém, de um modo geral, evidenciou-se nas falas, esforço e interesse para tratar de questões. Nesta primeira pergunta buscamos conhecer o conceito de inter-relação entre saúde e ambiente. Neste momento já nos pareceu claro certo distanciamento dos professores em relação à abordagem da Educação Ambiental no cotidiano acadêmico.

Quadro 1- Conceito da inter-relação entre saúde e ambiente pelos professores do curso de bacharelado em enfermagem de uma universidade no interior do Mato Grosso.

Professores	Conceito da Inter-relação saúde e ambiente
P1	<i>“Se eu tenho um ambiente mais favorável então a minha vida se torna melhor. Então a qualidade de vida, a qualidade nutricional, a qualidade do ar que eu respiro, desde os primórdios sempre interferiu na vida do ser humano que vou ser.”</i>
P2	<i>“Eu acredito estar totalmente interligado à saúde com o ambiente. Tenho que pensar, será que eu estou fazendo a coisa certa para o ambiente mais lá na frente? Então se eu não cuida desse ambiente ele vai afetar a minha saúde, a saúde dos outros. Ambiente degradado afeta diretamente”.</i>
P3	<i>“Eu vejo que os problemas ambientais hoje estão sendo encarados do meu ponto de vista como problemas de saúde. Então eu encaro esses problemas ambientais com relação direta com a saúde do homem, da comunidade. E no nosso campo, a gente tem que observar toda essa inter-relação”.</i>
P4	<i>“Para mim é uma visão global de envolvimento com o nosso cotidiano, não dá para pensar em viver sem a condição e lógica de envolvimento com o meio externo. Meio ambiente complementa nossa qualidade de vida, qualidade de saúde da pessoa. Ele consegue intervir em nosso bem-estar, desde a questão da poluição do ar, poluição de água. Então para mim ele está intimamente relacionado com a condição do ser humano, não dá para desvincular”.</i>

No decorrer das entrevistas, motivados pela pergunta inicial, também expuseram suas opiniões a cerca do que era meu ambiente, onde uns descreveram os efeitos da ação antrópica; teceram considerações que atribuem ao ser humano e ao modelo de desenvolvimento econômico os danos causados ao meio ambiente; outros consideram existir uma crise ambiental instalada, fruto de um comportamento antigo, mesmo que muito discutido ao longo dos anos. Todavia percebem que tem sido mais sinalizado/valorizado na atualidade.

Em análise, verifica-se compreensão ampla e diversificada sobre o que é meio ambiente. Resultados semelhantes podem ser encontrados em estudos realizados com enfermeiros docentes, por Camponogara et al. (2011), Soares et al., (2012) e também com profissionais de outras área de formação (BAMPI; PINHEIRO, 2014).

Referente à inter-relação saúde e ambiente todos demonstraram existir relação antiga, direta, forte e influenciadora. Há vista disso nos relatos dos professores. Explicitam que existe uma forte tendência de descreverem essa inter-relação como causa e consequência, ou *ação-reação*. De forma unânime, eles declaram perceber que os efeitos negativos na saúde humana são fruto/consequência de um comportamento abusivo / degradante acarretado pelo homem. Considerando que cada ação, influenciada por ele acaba por influenciar todo o universo, muito embora não seja possível descrever essa influência em detalhes, existem variáveis ocultas, não locais, conexões com o todo, que,

assim como a saúde, vibram juntamente com as vibrações do ambiente (CAPRA, 2010 apud CAMPONOGARA, et al, 2011).

Análise da percepção dos estudantes sobre a inter-relação saúde e ambiente.

A maioria dos alunos entrevistados eram do sexo feminino, sendo 7 mulheres e apenas 1 homem. Foram selecionados 2 alunos de cada semestre conforme explicado acima (1º, 5º, 9º e 10º semestre).

Buscamos neste primeiro momento conhecer a percepção dos estudantes sobre a inter-relação entre saúde e ambiente. Tal como os professores, eles definiram o conceito de meio ambiente antes de demonstrarem suas opiniões sobre a inter-relação com a saúde.

O que nos chamou atenção que diferentemente dos professores, as falas em sua maioria, expressam aspectos naturalizados, o que pode ser notado quando discorrem sobre elementos da natureza, aspecto que parece mais óbvio e fácil de conjecturar quando se trata de meio ambiente. Como exemplos temos: “*Meio ambiente para mim é o que contém todos os seres vivos, plantas, animais. É da onde a gente tira o sustento da gente também!*”; “*Então, eu entendo por meio ambiente tudo que engloba o ecossistema tanto água, como ar, florestas, tudo que engloba essas coisas, tipo que é em benefício do ser humano*”.

Nessas falas os pesquisados valorizam os aspectos naturais em uma mescla com uma visão utilitarista, pois veem o meio ambiente como algo para o “*sustento humano*”, “*para benefício do ser humano*”. Em poucas declarações notamos aspectos que demonstraram reflexão mais contextualizada no tocante ao tema.

Destacamos aqui que valorizar a perspectiva ecológica do meio ambiente, considerando elementos que o compõem, tais como, ar, terra, água, fauna, flora, tem grande relevância, uma vez que a harmonia desses elementos e dos ecossistemas é essencial à vida terrestre. (PERES, 2014)

No entanto, consideramos, tal como Peres (2014), que a problemática surge quando são verificadas percepções que o concebem como a somatória de elementos, e não leva-se em consideração a complexidade inerente ao sentido de meio ambiente, suas interações, seu dinamismo, a intervenção humana, desconsiderando os aspectos sociais e a própria percepção humana sobre o que é o meio e que o humano está nele. Consta-se aparentemente, uma percepção fragmentada e insuficiente para a reflexão de problemas socioambientais que se configuram na atualidade.

A respeito da inter-relação entre saúde e ambiente, obtivemos respostas como: “*Então eu acho que o ambiente é determinante, por que é ali que você vive, ali onde você*

tem suas práticas e seus hábitos”; “*Sim, o ambiente afeta totalmente, o ambiente traz o ar, ele gera nossos alimentos, mas com a nossa ‘ajuda’, da poluição, a gente leva muitos poluentes tóxicos, a gente contribui para a degradação do ambiente e ele devolve para a gente.*

Os 8 alunos participantes responderam positivamente sobre a existência desta. Ocorre uma forte tendência de atribuírem os problemas ambientais à atitude humana inadequada, e problemas de saúde como consequência somados a hábitos inadequados que as pessoas desenvolvem em seu cotidiano, sem a devida conscientização.

Ao refletirem sobre os riscos presentes no cotidiano das pessoas, destacam questões relacionadas a saneamento, higiene pessoal, disposição inadequada do lixo. Os problemas de saúde mais presentes nas falas foram os relacionados a problemas respiratórios, pelas queimadas; doenças diarreicas por condições inadequadas de saneamento, afetando principalmente em crianças e idosos.

O que verificamos ao interpretarmos as reflexões, é que mesmo que os estudantes percebiam existir inter-relação entre saúde e ambiente, ou mesmo, relação entre problemas ambientais e problemas de saúde, o senso reflexivo destes parece vago, limitado e um tanto impreciso. O que corrobora com a visão que os mesmos têm sobre o meio ambiente, visto anteriormente, onde constatou-se que a visão fragmentada é insuficiente para tratar da complexidade dos problemas ambientais vigentes. Resultados semelhantes foram encontrados em estudo realizado com acadêmicos da saúde, incluindo os da enfermagem, realizado por Camponogara et al. (2012).

Tais resultados demonstram que há uma insuficiência na abordagem deste conteúdo na formação do(a) enfermeiro(a), uma lacuna no que concerne ao processo reflexivo ou a aquisição de conhecimento estruturado e profundo sobre o assunto. Levar em consideração a complexidade inerente às questões ambientais e à saúde humana, considerando os aspectos sociais, econômicos, culturais no processo de formação em enfermagem torna-se imperativo. Quando são oportunizadas estratégias que proporcionem o conhecimento sobre a problemática ambiental, os sujeitos passam a ser providos de maior aporte de conhecimento para a reflexão sobre seus próprios comportamentos, e acrescentamos aqui, *suas ações enquanto profissionais da saúde*, impulsionando-os a construir ações mais responsáveis que atendam as demandas em saúde relacionadas à degradação ambiental. (CAMPONOGARA et al 2009; CAMPONOGARA, et al., 2012).

Análise da percepção dos professores sobre a educação ambiental

Nesta etapa os professores foram questionados sobre o que entendiam por EA, e se conheciam os principais documentos que a legitimam em nível nacional, tais como a Política Nacional de Educação Ambiental(PNEA) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EA (DCNEA).

Quadro 2 - Percepção dos professores sobre a educação ambiental (EA)

Professores	Percepção dos docentes sobre a educação ambiental
P1	<i>“É uma postura que você tem que construir na pessoa, de como ela se insere no mundo. Ela transcende, ela é ambiental, mas ela mais que isso, porque ela tem a ver com o respeito ao outro, e respeito ao outro não é só outra pessoa em si, começa nisso [...]”.</i>
P2	<i>“A primeira coisa é educar, depois conscientizar, e depois tornar apto. Porque quando você joga lixo fora do lixeiro, aí já é zero de educação, se na sua casa você não separa o lixo, isso já é zero de educação. Se você é professor ou aluno e não dá exemplo. Então assim, educação é a base de tudo [...]”.</i>
P3	<i>“Eu entendo por EA, que são aquelas ações que a gente busca desenvolver para que diminua o impacto tanto para a saúde do homem, quanto para a saúde ambiental, a própria saúde da natureza [...]”.</i>
P4	<i>A EA é uma forma de resgatar um pouco do que foi perdido. A gente agrediu esse ambiente anos luz, então observo que por meio da educação podemos socorrer a natureza [...]”.</i>

Tomando as Diretrizes Curriculares Nacionais para EA como um documento norteador desta etapa de análise, buscamos compreender como os professores e alunos definem a EA, e como esta é inserida e abordada na formação dos alunos. Todavia reconhecemos que este documento não fornece um aporte definitivo de conceitos e práticas em EA, mas se trata de um documento de importante contribuição para efetivação do campo, fruto da construção histórica da EA brasileira. Tal documento direciona as práticas como componente essencial e permanente da Educação Nacional, e deve estar presente de forma transversal, em todos os níveis de ensino, na Educação Básica e Educação Superior.

Com base nos pressupostos contidos em tal diretriz o resultado do estudo aponta que os professores percebem a EA como uma dimensão da educação, como forma de construir valores sociais para conservação do ecossistema e promoção da saúde do homem.

Neste ponto verifica-se um foco voltado ao aspecto naturalista e comportamental, muito parecido com o que fora dito por Layrargues e Lima (2014) ao descrever como se iniciou a EA em nosso país, a qual era marcada por conjunto de saberes e práticas extremamente preservacionista, que buscava desenvolver uma nova sensibilidade humana em sua relação com natureza.

Ressaltamos que ambos os aspectos, naturalista e comportamental na abordagem da EA, são de extrema importância para a mobilização social. Todavia, verifica-se que para alguns professores persiste uma visão sobre a EA um tanto desconectada dos problemas socioambientais atuais, descontextualizada, acrítica e por vezes até ingênua. Apenas dois professores manifestaram conhecer a PNEA E DCNEA, outros dois disseram que já ouviram falar, mas que não conhecem na íntegra. Tal fato se mostra preocupante uma vez que, como fora dito acima, tais documentos não são definidores, (uma vez que a literatura voltada a este tema é ampla e altamente diversificada), todavia são contribuintes para subsidiar as práticas docentes.

Análise da percepção dos estudantes sobre a educação ambiental

Perguntamos aos alunos o que entendiam por EA e obtivemos respostas tais como: “Meu conceito sobre EA é sobre o cuidado, a preservação do meio ambiente, como também o tratamento das áreas devastadas”; outro relatou que “Eu acho que EA é você passar informações a respeito do ambiente, né, como deve ser feito, como não deve, os prejuízos e os malefícios que ocorrem ao meio ambiente”.

Analisando o conteúdo das falas dos alunos, verificamos inúmeras visões que classificaram a EA como: preservação do meio ambiente, zelo/conscientização, ações e atitudes adequadas para reduzir os danos ambientais, método de conscientização, não jogar lixo em local inadequado, educação em saúde, transmitir conhecimentos sobre meio ambiente para crianças, transmitir conhecimentos sobre meio ambiente para quem sabe menos. Sobre a visão dos alunos sobre a EA, captamos resultados semelhantes aos apresentados na entrevista com os professores, onde os conceitos apresentados por estes privilegiam aspectos conservacionistas e comportamentais, todavia de forma menos contextualizada.

Neste ponto podemos observar que as fragilidades apresentadas por alguns professores no tocante a conceito da EA, e ainda o desconhecimento dos principais documentos que legitimam a EA e orientam como está deve ser abordada ensino superior refletem na formação dos estudantes, onde estes demonstram certa falta de coerência na construção do conceito.

Análise do modo de inserção e abordagem da EA pelos professores, bem como os teóricos e concepções seguidas.

Nesta etapa perguntamos aos professores em seu cotidiano acadêmico como eles inseriam e abordavam a EA, bem como os teóricos e concepções que davam aporte para que eles se preparassem para abordar tal assunto. Os professores responderam que:

Quadro 3 - Modo de abordagem e inserção da EA pelos professores

Professores	Modo de abordagem e inserção da Educação Ambiental pelos professores
P1	<i>“Eu tento construir isso o tempo todo. A gente sai para fazer o reconhecimento do bairro, do entorno, e olha, é o ambiente, o lugar mais próximo onde a gente habita. A gente vai caminhando e tentando compreender esse espaço[...]” “Eu falo muito na minha disciplina, eu falo para o aluno que ele tem que ver o paciente, não só como, não só os sinais e sintomas que ele tem, mas onde ele mora, como é a casa dele [...]”</i>
P2	<i>“Eu falo muito na minha disciplina, eu falo para o aluno que ele tem que ver o paciente, não só como, não só os sinais e sintomas que ele tem, mas onde ele mora, como é a casa dele [...]” Então é aquele verdadeiro olhar holístico que a gente tanto fala na enfermagem [...]”.</i>
P3	<i>“Tento inserir essas questões incentivando o aluno a tentar ter e manter um pensamento crítico, que nem eu te falei sobre o descarte correto dos materiais dentro da unidade básica [...]”.</i>
P4	<i>“A gente consegue fazer bastante essa relação. Com o foco na atenção hospitalar a gente consegue observar os lixos, a gente leva o aluno a refletir sobre isso, ao lixo que está sendo produzido nesse hospital é um quantitativo que traz danos ao meio ambiente[...]”</i>

Dos 4 (quatro) professores, 3 (três) demonstram a inserção da EA em ações do enfermeiro em atividades práticas, validando o aspecto preservacionista/conservacionista, ao privilegiar aspectos como: controle de resíduos sólidos, conscientização dos danos que estes podem trazer ao ambiente, reflexão sobre condição de saúde e influência do meio ambiente. No entanto, não aprofundam a discussão a fim de proporcionar discussão integrada ou aprofundada, que valorize as múltiplas e complexas relações existentes entre o homem, seu modo de vida, suas ações, o consumo, a economia, o desenvolvimento, a saúde, a sociocultura, a diversidade multiétnica e multicultural, a integridade dos ecossistemas, enfim, toda a riqueza, que este assunto permite articular, e que são capazes de proporcionar a valorização do tema pelo aluno, possibilitando o domínio de conhecimento na área, e capacidade crítico-reflexiva, que irá movê-los enquanto cidadãos e futuros profissionais na direção da sustentabilidade, promoção da saúde e qualidade de vida.

Neste momento também buscamos conhecer quais os teóricos e concepções que davam aporte para que eles se preparassem para abordar a EA na prática docente, e

aproveitamos para perguntar quais os principais desafios na abordagem desta. Verificamos que dos 4 (quatro) professores, apenas 2(dois) declararam possuir maior envolvimento com EA, conseguindo articular discussões e ações, seguindo referenciais teóricos que tratam da problemática ambiental global, citando autores tais como (Edgar Morin, Zygmunt Bauman, Boaventura de Sousa Santos). Outro disse que utiliza materiais elaborados pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA), suas principais diretrizes, atualizações e manuais do Ministério da Saúde voltados para a saúde coletiva que mediam conhecimento entre saúde e meio ambiente. Esta informação demonstra que há correspondência entre um maior aporte científico dos professores e a construção da capacidade crítico-reflexiva sobre o tema, o que influenciará sobremaneira como desenvolvem esses conhecimentos junto aos alunos no processo formativo. Outros dois docentes relataram que o assunto em suas aulas fica a cargo do conhecimento que traz do seu dia a dia, do que adquiriu durante a vida, que não usa nenhum material científico específico. Ainda outro relata que sabe da necessidade de abordar essa inter-relação entre saúde e ambiente na formação do aluno, porém nunca se apropriou de conhecimentos nesta área.

Assim, verificamos que os que expressaram não seguir concepções, teóricos, ou tendências na área, pareceram limitados em seus discursos, demonstrando que a insuficiência de aporte científico traz reflexos claros, que podem ser observados em suas práticas docentes.

Os principais desafios citados pelos professores no tocante a abordagem da EA foram: ausência de interdisciplinaridade, falta de clareza do tema nas ementas das disciplinas do curso de enfermagem; pouco interesse/ estímulo entre os professores que compõem o corpo docente do curso; falta de conhecimento e domínio deste assunto, como fruto de um processo de formação incipiente, ausência de política de formação ambiental institucionalizada pela universidade.

Tomando as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Ambiental, como fora descrito no tópico anterior, pontuamos a inserção da EA na formação do estudante de enfermagem desta instituição como ainda insuficiente e descontextualizada, pois não contempla os princípios, objetivos e organização curricular descrita na legislação.

Análise do modo de inserção e abordagem da EA na perspectiva dos estudantes.

Sobre a inserção e o desenvolvimento da EA, alguns citaram que esta é realizada por meio de discussões em sala de aula, outros descreveram situações em campo de estágio, onde os professores buscavam demonstrar essa relação de saúde e ambiente.

Porém dos 8 estudantes, 3(três) responderam que em duas disciplinas específicas (os três citaram a mesma) o tema foi trabalhado, muitas vezes não com o termo “EDUCAÇÃO AMBIENTAL” propriamente dito, mas que tratavam especificamente dessa relação, e que eles conseguiam compreender com clareza, e que tais professores também os levaram para visualizar estes problemas em aulas campo.

Com isso percebemos que existe inserção da temática na formação do aluno de enfermagem desta instituição, mesmo que não pareça ser um tema transversal, ou denominado especificamente de “EDUCAÇÃO AMBIENTAL”. Os outros (5) cinco alunos, responderam que não era abordado, ou se em algum momento foi, eles não se lembram. Todavia, alguns deles acrescentaram que, já ouviram alguns professores introduzirem os fatores ambientais como influenciadores da saúde humana, sobre a importância de saneamento ambiental adequado, questões relacionadas a doenças diarreicas e respiratórias. Esses mesmos alunos sinalizaram a falta de aprofundamento, desvalorização do assunto, ou por não ser assunto para enfermeiro. Reconhecem a importâncias do preparo adequado para abordar as questões ambientais e colaborar com a superação do atual cenário de crise ambiental global, e somam a isso, o excesso de conteúdos voltados para o tratamento e recuperação de doenças, ficando esses determinantes da saúde o - MEIO AMBIENTE em segundo plano, valorizando mais as ações curativistas do que as preventivistas.

Assim deduzimos que a EA não é abordada diretamente, não ocorre de modo transversal e interdisciplinar. Porém alguns professores buscam de algum modo tratar das questões ambientais. Ao que se observa, alguns abordam de forma mais contextualizada, por terem sido melhor preparados, outros não, pela deficiência em sua formação. Acrescentamos a essa fragilidade os pontos fracos encontrados no percurso do estudo, onde após leitura minuciosa, verificamos que o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) não trata a EA como prática educativa integrada. As ementas das disciplinas estudadas não privilegiam a EA, a maioria dos professores responderam não ter sido preparados adequadamente para tratar do assunto, e alguns não conhecem os principais documentos que legitimam a EA e dão direcionamento de sua abordagem no ensino superior. Ainda manifestam que não receberam qualificação na área em EA e nem mesmo educação continuada oferecida pela universidade. Sinalizaram também a falta de conhecimento e ausência da interdisciplinaridade como os principais desafios na abordagem desta.

Neste momento também perguntamos aos estudantes se, em seu processo de formação, eles consideravam estar recebendo qualificação necessária para tratar da relação

entre saúde humana e ambiente: alguns manifestaram se sentirem desorientados em relação ao tema. Destacam que o assunto é pouco valorizado, não é abordado de forma adequada para preparar o enfermeiro, e alguns chegam a declarar que não acreditam que tal assunto será aprofundado no decorrer dos semestres, pois percebem que o ensino na enfermagem é mais focado no tratamento de doenças.

Este posicionamento dos alunos nos chama atenção em dois aspectos: o primeiro é que os alunos do 1º semestre se mostraram reflexivos acerca de tais deficiências e a importância do assunto na formação do estudante de enfermagem, mesmo sendo iniciantes no curso. Outro aspecto diz respeito a pouca expectativa sobre a construção de conhecimentos nesta área, fator que pode ser prejudicial em seu processo de formação, na busca de conhecimentos que superem o modelo biomédico, com foco na doença, e que promovam a sustentabilidade ambiental.

Os alunos do 5º semestre vivenciaram praticamente a metade do seu processo de formação, já percorreram várias disciplinas que deveriam incorporar as questões ambientais, sua inter-relação com processo de saúde e doença de modo eficiente, declararam até então não terem recebido formação suficiente, descrevendo a insuficiência de conteúdo nas aulas.

Já os alunos do 9º e 10º semestre, trazem à tona, as consequências da fragilidade e incipiência da abordagem da EA, despertando maior preocupação, uma vez que são alunos em processo final de sua formação, prestes a engajarem no mercado de trabalho. De forma unânime, todos disseram não ter recebido preparo adequado. Alguns demonstram insegurança, e acreditam que se fosse algo trabalhado corretamente em sua formação, estariam aptos. Um dos participantes chegou a sinalizar que foi por meio desta pesquisa, que ouviu pela primeira vez falar em “Educação ambiental (EA)”. Do 10º semestre, apenas um dos entrevistados relatou que mesmo não sendo adequadamente preparado, sente-se apto e encorajado a lidar com situações que demandem conhecimentos que relacione ambiente e saúde. No entanto, deixa claro que esse conhecimento não é oriundo de conhecimento adquiridos no curso de enfermagem, mais sim enquanto era criança, em vivência familiar e na escola (Educação Básica).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidenciou que, mesmo diante de algumas fragilidades, os professores do curso de enfermagem apresentam compreensão ampla sobre meio ambiente e suas inter-relações. Reconhecem as interações existentes entre o homem e seu meio, enfatizam a ação

antrópica e o desenvolvimento econômico como os impulsionadores da crise ambiental contemporânea.

No tocante ao conhecimento formativo sinalizam como desafios na abordagem da EA, a falta de conhecimento, a ausência de interdisciplinaridade e inexistência de política ambiental institucionalizada na universidade.

Constata-se que a ausência de política ambiental institucionalizada na universidade faz com que a Educação Ambiental receba pouco espaço, o que pode ser visualizado na ausência da Educação Ambiental no Projeto Político-Pedagógico e nas ementas das disciplinas do curso.

Os alunos demonstram senso reflexivo acerca de ambiente e sua inter-relação com a saúde, e percepções sobre Educação ambiental de modo vago e limitado, demonstrando que o tema é insuficientemente abordado. Os alunos declararam não receber formação suficiente e se sentem desorientados em relação ao tema. Destacam que este tema é pouco abordado e até mesmo desvalorizado, frente a grande importância deste assunto na formação do enfermeiro, que tem em sua atribuição zelar pelo bem-estar, saúde e qualidade de vida da população.

Com o estudo dá-se oportunidade de repensar a presença da Educação Ambiental no currículo formativo do curso, por meio da ambientalização curricular. A formação complementar dos professores, a transversalidade e a interdisciplinaridade são elementos que podem conduzir a sintonização da prática formativa enfermagem com os complexos problemas da atualidade que envolvem a inter-relação saúde-ambiente.

Desta forma os docentes terão melhores oportunidades e maior espaço para inserir e abordar a Educação Ambiental na formação dos estudantes de enfermagem, ampliando conhecimentos que contemplem a íntima relação entre ambiente e saúde, fornecendo aportes necessários para que esses futuros profissionais atuem de forma a contribuir com a melhoria da qualidade de vida humana e sustentabilidade do meio que envolve o humano e do qual ele é parte integrante.

REFERÊNCIAS

BAMPI, Aumeri Carlos; PINHEIRO, José Aldair. O espaço da educação ambiental na formação universitária no contexto da Amazônia norte mato-grossense em transformação. **Revista Paidéia**, v. 11, n. 16, 2014.

BESERRA, Eveline Pinheiro; ALVES Maria Dalva Santos; RIGOTTO, Raquel Maria. Percepção de adolescentes acerca da saúde ambiental: pesquisa-ação no espaço escolar. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 9, n. 1, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação: Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Resolução N°2, DE 15 DE JUNHO DE 2012.

CAMPONOGARA, Silviamar; DIAZ, Paola da Silva; ROSSATO, Gabriela Camponogara; PERES, Roger Rodrigues; ERTHAL, Graciele; VIERO, Cibelle Mello. Interface entre saúde e meio ambiente na formação profissional em saúde. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 25, p. 902-907, 2012.

CAMPONOGARA, Silviamar; RAMOS, Flavia Regina Souza; KIRCHHOF, Ana Lucia Cardoso. Um olhar sobre a interface entre o trabalho hospitalar e os problemas ambientais. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 30, n. 4, p. 724, 2009.

CAMPONOGARA, Silviamar; VIEIRO, Cibele Mello; ERTHAL, Gracielle; DIAZ, Paola da Silva; ROSSATO, Gabriela Camponogara; PEREZ, Roger Rodrigues. Visão de profissionais e estudantes da área de saúde sobre a interface saúde e meio ambiente. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11 n. 1, jan. a abr.2013.

CAMPONOGARA, Silviamar; VIEIRO, Cibele Melo Machado; SARI, Vanuzia; ERTHAL, Graciele. A abordagem da interface saúde e meio ambiente na formação profissional de enfermeiros. **Rev Gaúcha Enferm**, 32(4): 647-53,2011.

CAPRA, F. O ponto de mutação. 29ª ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

COLPO, Júlio Cesar; CAMARGO, Vania Carla; MATTOS, Simey Ariane. A imagem corporal da enfermeira como objeto sexual na mídia: um assédio a profissão. **Cogitare Enferm**. 11(1), 67-72, 2006.

DA SILVA, Alcione Leite. A enfermagem na era da globalização: desafios para o século XXI. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 16, n. 4, p. 787-790, 2008.

FIOCRUZ. Perfil da enfermagem no Brasil. Rio de Janeiro- RJ, 2015. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/pt-br/content/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem-no-brasil>>.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KAUFMANN, JEAN CLAUDE. A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo. Editora Vozes Limitada, 2013.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 1, 2014.

MANÉIA, A; CUZZUOL, V; KROHLING, A. A educação ambiental e a responsabilidade socioambiental nas práticas ambientais em instituições de ensino superior no Brasil. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, v. 13, n. 13, p. 2716-2726, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, Edgar. Os setes saberes necessários à educação do futuro. 5. ed. Brasília: Cortez, 2002.

MOTA, Francisco Suetônio Bastos. Conhecimentos para promoção do saneamento, saúde e ambiente. In: PHILIPPI Jorge Rodrigues; MALHEIROS, Thiago Félix. Saneamento, saúde e ambiente: fundamentos para um desenvolvimento sustentável. Barueri: Manole, p.809-832, 2005.

PERES, Roger Rodrigues. Percepções de enfermeiros docentes sobre a interface saúde e meio ambiente na formação profissional. 2014.198p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)- Programa de Pós Graduação, Universidade Federal de Santa Maria (UFMS), Santa Maria- RS, 2014.

PERES, Roger Rodrigues; CAMPONOGARA, Silviamar; COSTA, Valdecir Zavarese da; TERRA, Marlene Gomes, NIETSCHEB, Elisabeta Albertina. Educação ambiental para docentes enfermeiros: percepção e relação com a formação do enfermeiro. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, n. spe, p. 85-93, 2015.

SARTORI, Renata Coelho; MONTEIRO, Arlete Assumpção. Da crise ambiental para uma abordagem ecossistêmica do conhecimento: os desafios do conhecimento científico contemporâneo. **AMBIENTE & EDUCAÇÃO-Revista de Educação Ambiental**, v. 15, n. 2, p. 121-132, 2011.

SCHULZ, Maria Seidenfuz; ARAÚJO, Maria Cristina Pansera; BIANCHI Vidica; BOFF, Eva Teresinha de Oliveira. Educação ambiental na educação básica e superior segundo licenciandos de ciências biológicas e professores em exercício. **Rev Eletr Mestr Educ Ambient**, v29, 2012.

SOARES, Sabrina Gonçalves Aguiar; CAMPONOGARA, Silviamar; TERRA, Marlene Gomes; SANTOS, Tanise Martins do; TREVISAN, Clara Maria. O que pensam os enfermeiros sobre a problemática ambiental. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 13, n. 5, 2012.

VARGAS, Liliana Angel; OLIVEIRA, Thaís Fonseca Veloso de. Saúde, meio ambiente e risco ambiental: um desafio para a prática profissional do enfermeiro. **Rev. enferm. UERJ**, v. 15, n. 3, p. 451-455, 2007.

Submetido em: 26-06-2018.

Publicado em: 15-12-2018.